

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES

Sebastião Moura

**QUEM VAI, QUEM FICA, QUEM VOLTA**

São Paulo  
2025

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Renato Levi Pahim

São Paulo  
2025

## **RESUMO**

Esse projeto se divide em duas partes. A primeira é um documentário biográfico de Francisca, que saiu do interior do Piauí aos 20 anos para ir trabalhar na indústria fabril de São Paulo, patrocinou a ida de quatro irmãos mais novos para a capital paulistana e voltou para sua terra natal 27 anos depois. A segunda é esse documento, que esboça olhares possíveis para esse registro oral a partir de dados da historiografia sobre o fenômeno da *transição migratória* da virada do século.

**PALAVRAS-CHAVE:** São Paulo, Migrações internas, Migração de retorno, Nordestinos em São Paulo, Piauí, Trabalho Doméstico, Trabalho Infantil

## **SUMÁRIO**

|  |    |
|--|----|
| JUSTIFICATIVA                                      | 5  |
| UM BREVE APANHADO HISTÓRICO DA MIGRAÇÃO DE RETORNO | 7  |
| MEMORIAL DESCRITIVO                                | 10 |
| REFERÊNCIAS  | 11 |
| ANEXO I - FICHA TÉCNICA DO DOCUMENTÁRIO            | 14 |

## JUSTIFICATIVA

*“Não se pode negar a importância das questões político-econômicas e das redes sociais para o processo migratório. Entretanto, há ainda outra dimensão relevante para as migrações, que é a subjetiva. Razões pessoais e únicas movimentam pessoas pelo mundo em todos os contextos. São os amores mal resolvidos, a busca por aventura e os desentendimentos e arranjos familiares que se constituem na gota d'água nas decisões de migrar - ou de permanecer no local” (MAGALHÃES, 2015. p. 108)*

Se prestar ao papel de realizar um documentário sobre a própria família constitui um risco. Inserir a própria subjetividade naquilo que se produz, tanto intelectual como artisticamente, é inevitável. Tornar explícita essa projeção - como Agnès Varda faz em *Les Glaneurs et la Glaneuse* - pode ser o caminho mais transparente, mas também pode ser prepotente ao ponto de ofuscar o próprio valor documental.

A decisão de fazer do meu trabalho de conclusão de curso um filme sobre minha madrinha e minha mãe não foi desprovida de hesitação. Dois problemas em potencial se apresentavam, em frentes contraditórias: primeiro, o de sugerir relevância inadequadamente *generalizada* a uma biografia que me interessa, obviamente, por motivos de natureza *primariamente particular* e segundo, o de sufocar essa motivação afetiva em números e dados históricos na tentativa de evitar o primeiro problema.

Então não é com nenhuma ambição de representar de maneira ampla os grupos aos quais as duas mulheres entrevistadas neste projeto pertencem - migrantes, nordestinas, operárias, trabalhadoras domésticas - que os depoimentos delas são apresentados. Ele é um registro modesto, mas rigorosamente elaborado, de como um fenômeno histórico - a migração de retorno de São Paulo ao Nordeste - se manifestou na experiência vivida de uma família.

A história de Francisca das Chagas e Silva, minha madrinha, se aproxima em muitos momentos da história dos fluxos migratórios do Nordeste para São Paulo.

Em 1975, quando ela sai do interior do Piauí, o momento histórico é de desincentivo à migração por parte dos instrumentos formais do Estado mas de persistência desse movimento humano sustentado por redes informais de migrantes (MAGALHÃES, 2023). Ela faz a viagem de ônibus junto a um tio e uma colega, e as duas encontram moradia e trabalho graças à ajuda de conhecidos na cidade, que também é como haviam ficado sabendo das oportunidades por lá.

Os dados demográficos do censo de 2000 apontam que grande parte dos migrantes internos vão acompanhando familiares (OLIVEIRA e JANNUZZI, 2005). Francisca levou quatro de

seus irmãos mais novos para acompanhá-la depois que se estabeleceu em São Paulo.

Na década de 1980, a gentrificação do centro de São Paulo levou a uma expulsão da população mais pobre e restabelecimento de moradias construídas na lógica de mutirões ao longo da crescente malha ferroviária (ROLNIK, 2000). É possível que esse processo, junto com a presença de pólos industriais como a Nitro Química e as Indústrias Matarazzo, explique a concentração da comunidade nordestina nos territórios da Zona Leste (MAGALHÃES, 2015). Francisca viveu no bairro da Penha e em Guaianazes, em uma casa que construiu junto com seus irmãos.

Segundo ela, o que motivou levar as duas irmãs mais novas foi visitar o Piauí e encontrar elas trabalhando como empregadas domésticas na casa de conhecidos da família - o modelo mais longo e emblemático de trabalho infantil na região (FELIZARDO, 2016; 2019).

Quando era uma operária analfabeta nordestina em São Paulo, ela conheceu o operário analfabeto nordestino em São Paulo mais famoso do país. Quando ela volta para o Piauí, é no contexto em que muitas pessoas com o mesmo perfil estão fazendo esse mesmo movimento (BAENINGER, 2012). A volta dela ao interior coincide com período em que os investimentos em infraestrutura e programas sociais do governo Lula consolidam essa tendência de migração de retorno. (CARVALHO; LIMA; SILVA, 2017 apud MAGALHÃES, 2013).

Essas são leituras possíveis, úteis, mas que não esgotam, no nível individual, os motores por trás desse processo migratório. Francisca também saiu de sua terra natal porque brigou com o pai, e também voltou para ajudar a cuidar do bebê da irmã que engravidou. Esse trabalho é uma tentativa de, dentro das formulações possíveis, contar ambas essas histórias.

## UM BREVE APANHADO HISTÓRICO DA MIGRAÇÃO DE RETORNO

Em 1968, as atividades de recepção, triagem e encaminhamento de trabalhadores migrantes e imigrantes no estado de São Paulo são transferidas da Secretaria de Agricultura para a Secretaria de Promoção Social (PAIVA e MOURA, 2008). A mudança marca uma virada na perspectiva oficial em relação ao fenômeno migratório: o que em décadas anteriores havia sido estimulado e subsidiado como uma estratégia de manutenção da força de trabalho, daquele momento em diante se entende como um problema de inchaço populacional que estaria sobrecarregando os serviços públicos.

Nas primeiras décadas da República, o Brasil recebe majoritariamente imigrantes estrangeiros, provenientes da Europa e em menor número, do Japão e do Oriente Médio, em um processo formalmente subsidiado pelo governo federal a partir de acordos bilaterais com dois objetivos complementares: a substituição da mão de obra de pessoas escravizadas e o branqueamento populacional (FALCONERIS, 2022).

Em 1887, antecipando a abolição, é construída em São Paulo a Hospedaria de Migrantes do Brás, que serve como ponto de recepção e escoamento desses migrantes, que chegam via navio pelo porto de Santos, são mandados para a capital paulista e de lá enviados para as lavouras onde trabalham no regime de colonato.

O nacionalismo, contexto global da Segunda Guerra e disputas dentro do movimento eugenista ligado ao Estado Novo levam ao rompimento dos acordos bilaterais e à proibição da imigração estrangeira em 1938. Entre 1930 e 1945, Vargas vetou a concessão de vistos aos judeus, ciganos, negros e japoneses (CARNEIRO, 2018). É nesse contexto de nacionalização da força de trabalho do país que a estrutura logística da Hospedaria é redirecionada a receber migrantes internos (PAIVA, 2008), principalmente da região Nordeste (JANNUZZI, 1998).

Os migrantes que se estabelecem em São Paulo mantém contato com seus locais de origem - através de visitas e correspondências, mas também estabelecendo relações com outros migrantes residentes na cidade. A partir dessa teia de relações, se organiza, de forma orgânica, uma série de redes de migrantes conectados que auxiliam os recém-chegados a encontrar moradia e trabalho.

Um exemplo emblemático é o dos caminhões ligando os municípios da região de Vitória da Conquista com São Paulo, estabelecidos na década de 1960 por um grupo de antigos migrantes para fazer o serviço de entrega de encomendas para familiares no sertão Bahia, como descrito em RIGAMONTE, 1999:

*“Através dos laços de parentesco e vizinhança, os indivíduos que participam desta rede têm a possibilidade de chegar até a cidade e inserir-se nos seus mecanismos de funcionamento, tais como o trabalho, moradia, locomoção, lazer e sociabilidade.”*  
(RIGAMONTE, 1999)

Em relatos orais, como os coletados pelos projetos *Lembranças de Antigos Moradores da Zona Leste de São Paulo* (MAGALHÃES, 2015), *Coleção de História Oral: Migrações internas* (HARUO, 2023) e também por esse trabalho, ilustram a importância das redes no processo migratório de nordestinos para São Paulo nesse período: a imensa maioria fez a viagem tendo um parente ou conhecido na cidade, e após ouvir relatos dos que migraram antes sobre as oportunidades na capital paulista.

Apesar do intenso fluxo, algumas tentativas de barrar o movimento migratório começaram a ser feitas. Em 1957, o ministro da Justiça solicitou ao governador do estado de São Paulo a proibição do tráfego de "paus de arara", o meio mais popular de realizar a viagem para o Sudeste (HARUO, 2020).

Mas a esse ponto, já era tarde demais: mesmo sem apoio institucional, o fluxo migratório se estabilizou com o apoio dessas redes de conterrâneos, conhecidos e familiares. A presença do migrante nordestino se torna parte intrínseca do tecido social da cidade, se adaptando à medida que ela passou por intensas transformações urbanísticas nas décadas seguintes.

Esse fluxo alcança seu auge na década de 1970, quando o número médio anual de pessoas vindas do nordeste entrando no Estado de São Paulo alcança 135 mil. Nas próximas décadas, observa-se um processo de declínio, com esse número caindo para 129 mil nos anos 1980 e 100 mil nos anos 1990, de acordo com o IBGE. Na edição de primeiro de agosto de 1999 do jornal *Agora São Paulo*, esses números aparecem com a manchete: **‘Nordestinos voltam para a terra natal. “Aqui só passei fome, desgosto e um frio do cão”**, desabafa um dos entrevistados. (LINHARES, 1999).

Em outra reportagem, realizada pelo projeto São Paulo de Perfil em 1988, lê-se:

*“Pobres, doentes e derrotados, os nordestinos estão abandonando a Grande São Paulo. Funcionários das duas maiores empresas que fazem a viagem de volta, a São Geraldo e a Itapemirim, calculam que cerca de três mil nordestinos estão abandonando São Paulo diariamente para nunca mais voltar. Dados preliminares da Secretaria de Promoção Social de São Paulo indicam que entre os que regressam é grande o contingente de homens alcoólatras, mulheres com verminose e crianças sub-nutridas. Pior ainda, o **stress** provocado pela destruição do sonho de riqueza no Sudeste tem levado os nordestinos a danos psíquicos irreversíveis”.*  
(MEDINA, p. 72)

Entre 1995 e 2000, o saldo migratório negativo do Nordeste - ou seja, o número de pessoas que saiu da região menos o número de pessoas que foram para lá - foi de 763 mil indivíduos. Entre 2001 e 2006, caiu para 53 mil (OJIMA, 2015 apud MAGALHÃES, 2023).

O Censo Demográfico de 2000 aponta a emergência de novas dinâmicas, especificamente a diminuição da tendência de migração para o Nordeste, a diversificação dos destinos de



migração anteriormente concentrados no eixo Rio-São Paulo e um novo fluxo: *a migração de retorno ao Nordeste*.

A migração de retorno aparece como um fenômeno demográfico massivo a partir do século 21 - a Pnad do censo de 2010 mostra que mais de 400 mil pessoas voltaram ao Nordeste entre 2002 e 2007. Após 2003, os investimentos da gestão Lula em infraestrutura na região, especialmente de incentivo aos pequenos agricultores e combate à seca (CARVALHO; LIMA; SILVA, 2017 apud MAGALHÃES, 2013), consolidam a inversão do fluxo.

Em 2006, o Estado de São Paulo teve, pela primeira vez em décadas, um saldo migratório negativo com a região - mais pessoas voltando para seus estados de origem do que chegando à maior cidade do país para tentar a sorte.

## MEMORIAL DESCRITIVO

As entrevistas foram realizadas em cinco sessões gravadas entre 24 de dezembro de 2024 e 7 de janeiro de 2025. Foram três gravações individuais com Francisca, uma com Ângela e uma com ambas, além da captação de imagens de cobertura adicionais.

A ideia original era realizar entrevistas com cinco personagens além de Francisca: os quatro irmãos que ela levou para São Paulo (Beto, Paulo, Raimunda e Flávia) e Ângela, a irmã com quem ela morou quando retornou ao Piauí. Uma gravação com Paulo chegou a ser feita, mas ao longo do processo ficou claro que isso produziria um material extenso demais para o escopo deste trabalho. Por causa disso, a proposta foi readaptada para incluir apenas Francisca e Ângela.

Além da evidente proximidade pessoal, a escolha partiu do raciocínio de que o enfoque nas duas proporcionaria uma justaposição entre duas experiências que se diferenciam em muitos sentidos (uma saiu e a outra ficou, uma terminou os estudos e a outra nunca se alfabetizou, etc). E que a narrativa da reunião das duas aconteceu no contexto da migração de retorno, fenômeno de particular interesse para o trabalho.

A duração somada do material bruto das entrevistas foi de cerca de seis horas. A partir dele, foi editada uma versão inicial, com apenas algumas imagens de cobertura, de 46 minutos.

Essa versão era dividida em cinco partes, três do relato de Francisca (1. Saída do Piauí, 2. Trabalho: conflitos e acidentes, 3. Leva dos irmãos), uma do de Ângela (Trabalho doméstico e estudos) e uma última com as duas (Retorno). No primeiro roteiro, essas partes eram intercaladas por breves narrações em off com detalhes do contexto histórico.

A elaboração desses interlúdios foi feita a partir de pesquisa bibliográfica, que passou por entrevistas realizadas em janeiro com a Prof.<sup>a</sup> Dra. Valéria Barbosa de Magalhães, coordenadora do projeto *Nordestinos em São Paulo e História Oral: abordagem histórico-crítica*, e Thiago Haruo Santos, antropólogo e gestor de pesquisa do Museu da Imigração do Estado de São Paulo (antiga Hospedaria de Migrantes). Embora não sejam citadas diretamente, elas foram cruciais para orientar a escolha dos textos usados como referência e solidificar sua compreensão. O contato com Haruo também levou à uma consulta ao acervo do Museu em março.

Após a finalização dessa primeira versão em abril e diálogos com o Prof. Orientador Renato Levi, uma segunda versão, agora totalmente em vídeo, foi editada. Mais curta, com 22 minutos, ela dá mais destaque às motivações do retorno e descarta os interlúdios, que são parcialmente reaproveitados em uma nova vinheta inicial que concentra as referências históricas. Essa é a versão final, disponível em:

<[https://drive.google.com/drive/folders/1E4qUZv\\_CGGMctw9HWBm70ILtbIKM6-7?usp=s\\_haring](https://drive.google.com/drive/folders/1E4qUZv_CGGMctw9HWBm70ILtbIKM6-7?usp=s_haring)>

## BIBLIOGRAFIA

PAIVA, Odair da Cruz; MOURA, Soraya. Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. São Paulo: Paz e Terra, 2008. Disponível em:

<[http://www.labimi.com.br/navegar/edicoes/03/Navegar\\_3\\_completa.pdf](http://www.labimi.com.br/navegar/edicoes/03/Navegar_3_completa.pdf)>

MAGALHÃES, V. B. de. História oral e Migrações do Nordeste para o Sudeste: Um estudo sobre a produção brasileira. História Oral, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 77–107, 2023. DOI: 10.51880/ho.v26i1.1302. Disponível em:

<<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1302>>

MEDINA, Cremilda. Forró na garoa. [S.l: s.n.], 1989. APA. Medina, C. (1989). Forró na garoa. São Paulo: CJE/ECA/USP. NLM. Medina C. Forró na garoa. 1989

ROLNIK, Raquel. Folha Explica: São Paulo. Publifolha, 2000.

MAGALHÃES, V. B. de. Nordestinos na Zona Leste de São Paulo: subjetividade e redes de migrantes. TRAVESSIA - Revista Do Migrante, 28(76), 99–112. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.48213/travessia.i76.90>>.

RIGAMONTE, Rosani Cristina. A Praça Silvio Romero: a "tradição". TRAVESSIA - Revista do migrante, [S. l.], v. 12, n. 35, p. 37–42, 1999. DOI: 10.48213/travessia.i35.733. Disponível em: <<https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/733>>.

JANUZZI, P. de M. Perfis etários da migração por motivos e acompanhantes da mudança: evidências empíricas para São Paulo entre 1980 e 1993. Revista Brasileira de Estudos da População, Brasília, DF, v. 15, n. 2, p. 19-44, 1998.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 4. 2005. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S0102-88392005000400009>>

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Imigrantes indesejáveis. A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas. Revista USP. n.119. São Paulo: USP, 2018. p.115-130. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/151581>>

FELIZARDO, Nayara. Marcas da exploração: trabalho doméstico escraviza crianças. Portal O Dia. Teresina. 2016. Disponível em:

<<https://portalodia.com/noticias/piaui/marcas-da-exploracao-trabalho-domestico-escraviza-criancas-268877.html>>

FELIZARDO, Nayara. Ninguém perguntou às meninas que trabalham em casa de família no Nordeste se elas queriam estar ali. The Intercept Brasil. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2019/07/10/trabalho-infantil-domestico-nordeste/>>.

BRASIL. Censo Demográfico 2022. IGBE. Rio de Janeiro, 2023.

Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102011.pdf>>.

\_\_\_\_\_. Censo Demográfico 2010. IGBE. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=793>>.

\_\_\_\_\_. Censo Demográfico 2000. IGBE. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=783>>.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1934. Disponível em

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34)>

BAENINGER, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. REMHU, Brasília, v. 20, n. 39, p. 77-100, 2012. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/remhu/a/mrVMskqfZGB3w5t7wjfBKHR/?lang=p> t>

FALCONERIS, Ana Carolina. Legislação brasileira: controle e embranquecimento do mercado de trabalho livre. Museu da Imigração. São Paulo, 2022. Disponível em:

<<https://www.memorialdoimigrante.org.br/en/blog/migracoes-em-debate/legislacao-brasileira-controle-e-embranquecimento-do-mercado-de-trabalho-livre> >.

HARUO, Thiago. Brasileiros na Hospedaria: O pau de arara. Museu da Imigração. São Paulo, 2020. Disponível em:

<<https://museudaimigracao.org.br/blog/conhecendo-o-acervo/brasileiros-na-hospedaria-o-pau-de-arara> >

HARUO, Thiago. As histórias invisibilizadas e o novo projeto de coleta de História Oral "Migrações internas". Museu da Imigração. São Paulo, 2023. Disponível em:

<<https://museudaimigracao.org.br/blog/bastidores/as-historias-invisibilizadas-e-o-novo-projeto-de-coleta-de-historia-oral-migracoes-internas>>

LINHARES, Juliana. Nordestinos voltam à terra natal. Agora São Paulo, São Paulo, 1 ago. 1999. Pesquisa, p. A4. Consulta no acervo do Museu da Imigração.

ROMÃO, Ira; BRITTO, Léo. Nordestinos em São Paulo relembram vinda à capital e desafios na periferia. Agência Mural. 2021. Disponível em:

<<https://agenciamural.org.br/especiais/como-os-nordestinos-se-tornaram-parte-fundamental-d-e-sao-paulo-que-completa-467-anos/> >

## **REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS<sup>1</sup>**

1. ATÉ AMANHÃ SE DEUS QUISE. Direção: Sofia Kercher. 2024.
2. A VIDA SECRETA DE MEUS TRÊS HOMENS. Direção: Letícia Simões. 2025.
3. GREICE. Direção: Leonardo Mouramateus. 2024
4. DAGUERRÉOTYPES. Direção: Agnes Varda. 1975.
5. ONCLE YANCO. Direção: Agnes Varda. 1967.
6. DOLOR Y GLORIA. Direção: Pedro Almodóvar, 2020.
7. THE FABELMANS. Direção: Steven Spielberg, 2022.
8. LES GLANEURS ET LA GLANEUSE. Direção: Agnès Varda, 2000.

<sup>1</sup>Filmes que serviram de inspiração estética no processo de realização e montagem do documentário.

## ANEXO I - FICHA TÉCNICA DO DOCUMENTÁRIO

Título: *quem vai, quem volta, quem fica*

Duração: 22 minutos.

Direção, roteiro e montagem: Sebastião Moura

Entrevistadas: Francisca das Chagas e Silva e Ângela Maria da Silva Moura

Local das gravações: Teresina-PI, São Félix-PI, São Paulo-SP.

Trilha sonora:

1. *FROM U.S. OF PIAUÍ*. Intérprete: Luiz Gonzaga. Compositor: Gonzaguinha. In: Aquilo Bom!. 1972.

2. *TODO DIA É DIA D*. Intérprete: Gilberto Gil. Compositor: Torquato Neto e Carlos Pinto. In: Cidade do Salvador, Vol. 2. 1973.

3. *BARCA VELHA*. Intérprete: Banda de Pífanos Caju Pingo Fogo. Compositor: Banda de Pífanos Caju Pingo Fogo. In: Rosa dos Ventos. 2019.

4. *É TUDO PARA ONTEM*. Intérprete: Emicida, Gilberto Gil. Compositor: Emicida, Felipe Vassão, Thiago Jamelão. 2020.